

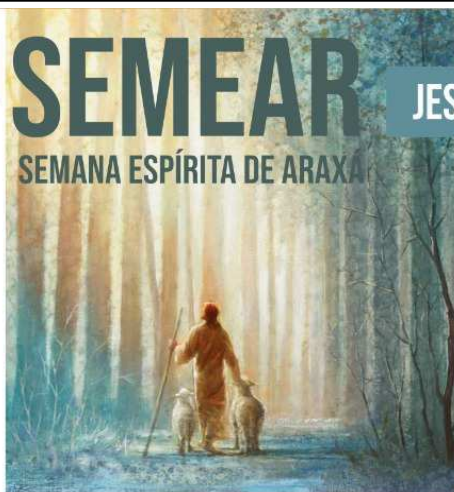
FOLHA

**FOLHA ESPÍRITA
FRANCISCO CAIXETA**ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA
OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA
ARAXÁ - MG

Setembro/Outubro de 2021 nº100 Ano 17

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA
BIBLIOTECA IRMÃ INEZ
BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER**XXII SEMEAR**

SEMANA ESPÍRITA DE ARAXÁ

JESUS, O GUIA E MODELO DA HUMANIDADE

Na questão 625 em O Livro dos Espíritos,
à pergunta de Allan Kardec:
“Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu
ao homem para lhe servir de guia e modelo?”,
os Espíritos responderam simplesmente:
“— Vede Jesus”.



03 A 05

NOVEMBRO

2021

19H30

PALESTRAS

03/11/2021

EMANOEL DE CASTRO ANTUNES FELÍCIO | JUIZ DE FORA

04/11/2021

THIAGO CARDOSO | UBERLÂNDIA

05/11/2021

AFONSO CHAGAS | BELO HORIZONTE

ON-LINE



Google Meet

<https://meet.google.com/jch-uhwm-zec>**“Francisco Caixeta” - 1951-2021
completa 70 anos de atividades**

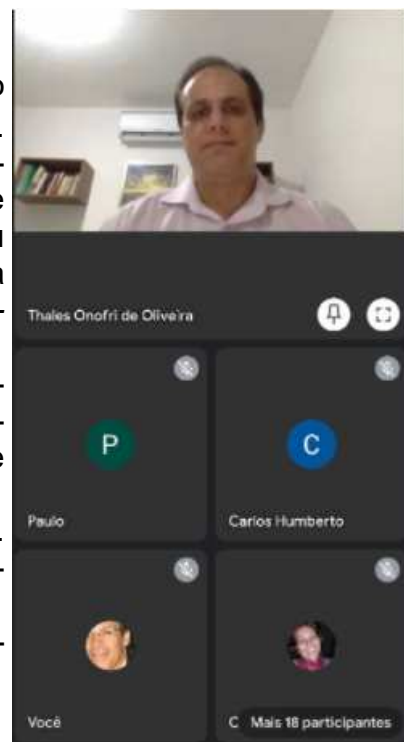
Sexta-feira, dia 9 de abril, de forma virtual, Daniel Nascimento (Ibiá-MG) proferiu palestra intitulada “A pandemia na visão espírita”. Dia 14 de maio, foi a vez da Dra. Antônia Marilene da Silva (Brasília-DF), com o tema “Ser espírita em tempo de pandemia”. No dia 11 de junho, Victor Hugo Guimarães (Menino), de Uberlândia/MG, proferiu a palestra “Caridade conforme Jesus a entendia”. Na sexta-feira, dia 9 de julho, Marcelino Pereira, de Araxá, fez palestra intitulada: *Perdão*.

Em dose dupla, nas sextas-feiras, dias 13 e 27 de agosto, sempre às 19h30, pelo *Google Meet*, Célio Alan Kardec de Oliveira, natural de Araxá, mas residente em BH, falou sobre o tema “A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos”. Uma maravilha!

Continuando as comemorações, sexta-feira, 29 de outubro, Dr. Thales Onofri de Oliveira, de BH, fez palestra sobre “Saúde espiritual e física em tempos de transição planetária”.

Nossos sinceros agradecimentos aos amigos que se disponibilizaram tempo para proporcionar-nos um refrigério espiritual.

Deus os abençoe!

**PROGRAMA ESPÍRITA
ENTRE A TERRA E O CÉU**

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da
Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM
e pela internet
www.radioimbiara.com.br

**VEJA NESTA EDIÇÃO**

Resposta a uma Pergunta — p.2
Reencarnação: Uma Lei Natural – Parte I — p.4

O dia dos mortos — p.7
Gratidão — p.8

Resposta a uma Pergunta sobre o Espiritismo, do Ponto de Vista Religioso

A pergunta que se segue nos foi enviada por uma pessoa de Bordeaux, a quem não temos a honra de conhecer, e sua resposta será dada pela Revista, tendo em vista a instrução de todos.

“Li numa de vossas obras: ‘O Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com vista a dissuadi-los, e aos quais essa fé basta à sua razão e à sua consciência, mas à numerosa categoria dos indecisos, dos incrédulos, etc.’

“E por que não? O Espiritismo, que é a verdade, não deveria dirigir-se a todos? a todos os que estão em erro? Ora, os que crêem numa religião qualquer, protestante, judaica, católica ou outra qualquer, não estão em erro? Indubitavelmente, porque as diversas religiões hoje professadas dão como verdades incontestáveis e nos obrigam a crer em coisas completamente falsas ou, pelo menos, em coisas que podem até vir de fontes verdadeiras, mas falseadas em sua interpretação. Se está provado que as penas são apenas temporárias – e Deus sabe se é um leve erro confundir o temporário com o eterno – que o fogo do inferno é uma ficção e que, se em vez de uma criação em seis dias, trata-se de milhões de séculos, etc.; se tudo isto está provado, digo eu, partindo do prin-

cípio de que a verdade é una, as crenças oriundas de uma interpretação tão falsa desses dogmas não são nem mais nem menos do que falsas, pois uma coisa é ou não é; não há meio termo.

“Por que, então, o Espiritismo não se dirige também a todos os que acreditam em absurdos, para os dissuadir, como aos que em nada crêem ou que duvidam, etc?”

Aproveitamos a oportunidade da carta, da qual extraímos as passagens acima, para lembrar, uma vez mais, o objetivo essencial do Espiritismo, sobre o qual o autor da carta não parece bastante edificado.

Pelas provas patentes que dá da existência da alma e da vida futura, base de todas as religiões, o Espiritismo é a negação do materialismo e, por conseguinte, se dirige aos que negam ou duvidam. É bem evidente que os que não crêem em Deus e na alma não são católicos, nem judeus, nem protestantes, seja qual for a religião em que tiverem nascido; não seriam, sequer, maometanos ou budistas. Ora, pela evidência dos fatos, são levados a crer na vida futura, com todas as suas conseqüências morais; são livres para adotar, mais tarde, o culto que melhor lhes convenha à razão ou à consciência. Mas aí se detém o papel do Espiritismo; ele é o responsável por três quartos do caminho; ajuda a transpor o passo mais difícil – o da incredulidade. Compete aos outros fazer o resto.

“Mas” – poderá dizer o autor da carta – “e se nenhum culto me convier?” Muito bem! ficai então como estais. Aí o Espiritismo nada pode. Ele não se encarrega de vos fazer abraçar um culto à força, nem de discutir para vós o valor intrínseco dos dogmas de cada um: deixa isto à vossa consciência. Se o que o Espiritismo dá não vos basta, buscai, entre todas as filosofias existentes, uma doutrina que melhor satisfaça às vossas

aspirações.

Os incrédulos e os indecisos formam uma categoria muito numerosa. Quando o Espiritismo diz que não se dirige aos que têm uma fé qualquer, e aos quais esta é bastante, quer significar que não se impõe a ninguém e não violenta consciência alguma. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los por meios próprios, pelos raciocínios que sabe terem acesso à sua razão, porquanto os outros foram impotentes. Numa palavra, tem o seu método, com o qual obtém, diariamente, belíssimos resultados; mas não tem uma doutrina secreta. Não diz a uns: abri os ouvidos, e a outros: fechai-os. A todos fala pelos seus escritos e cada um é livre de adotar ou rejeitar sua maneira de encarar as coisas. Desse modo, faz crentes fervorosos dos que eram incrédulos. É tudo o que ele quer. Àquele que dissesse: “Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; continuo até crendo que é o Sol que gira, porque a Bíblia o diz, e creio ser este o preço de minha salvação”, responde o Espiritismo: “Conservai as vossas crenças, já que elas vos convêm; ninguém procura vos impor outra; eu não me dirijo a vós, pois nada quereis de mim.” E nisto ele é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se alguns se julgarem em erro, são livres para buscar a luz, que brilha para todos; os que se julgarem certos têm liberdade de desviar o olhar.

Mais uma vez, o Espiritismo tem um objetivo, do qual não quer nem se deve afastar; sabe o caminho que a ele deve conduzir e o seguirá, sem se desviar pelas sugestões dos impacientes. Cada coisa vem a seu tempo; querer ir muito depressa é, muitas vezes, recuar ao invés de avançar.

Ainda duas palavras ao autor da carta. Parece-nos que ele fez uma falsa aplicação do princípio de que a verdade é una, concluindo daí que certos dogmas,

Continua... **2**



Folha Espírita Francisco Caixeta

Editado pela

**Associação Espírita
Obras Assistenciais “Francisco Caixeta”**

Grupo Editorial

Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

**Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG**

Impressão:
Grupo editorial
Tiragem: Digital

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

como o das penas futuras e da Criação, receberam uma interpretação errada, devendo, pois, tudo ser falso na religião. Não vemos todos os dias as próprias ciências positivas reconhecerem certos erros de detalhes, sem que, por isso, a Ciência esteja radicalmente errada? A Igreja não se alinhou com a Ciência a propósito de certas crenças de que outrora fazia artigos de fé? Não reconhece hoje a lei do movimento da Terra e dos períodos geológicos da Criação, que havia condenado como heresias? Quanto às chamas do inferno, toda a alta teologia reconhece que é uma imagem e que por ela se deve entender um fogo moral e não material. Sobre vários outros pontos as doutrinas são também menos absolutas do que antigamente, donde se pode concluir que um dia, cedendo à evi-

dência dos fatos e das provas materiais, ela compreenderá a necessidade de uma interpretação em harmonia com as leis da Natureza, sobre alguns pontos ainda controvertidos; porque nenhuma crença poderia racionalmente prevalecer contra essas leis. Deus não pode contradizer-se estabelecendo dogmas contrários às suas leis eternas e imutáveis, e o homem não pode pretender colocar-se acima de Deus, decretando a nulidade dessas leis. Ora, a Igreja, que compreende esta verdade para certas coisas, compreendê-la-á também para as outras, notadamente no que concerne ao Es-

piritismo, em todos os pontos fundado sobre as leis da Natureza, ainda mal compreendidas, mas que se compreende cada vez melhor à medida que os dias passam.

Não se deve ter pressa em rejeitar tudo, apenas porque certas partes são obscuras ou defeituosas; a esse propósito, cremos útil lembrar a fábula: A Macaca, o Macaco e a Noz.

Revista Espírita,
Janeiro de 1863
Allan Kardec

Siga a Folha

<http://twitter.com/FolhaCaixeta>



A REENCARNAÇÃO

Médium – Srta. Eugénie

Nota – Na sessão da Sociedade em que foi recebido o ditado precedente, o Espírito da Sra. de Girardin, solicitada a dar outro sobre a reencarnação, respondeu: “Oh! não penso em outra coisa. A médium está habituada a me ver fazer o que nem sempre lhe agrada, e tendes razão.” Esta última frase é uma alusão a certas idéias particulares da médium, a propósito da reencarnação.

“A reencarnação é uma coisa lógica; toca os nossos sentidos. Assim, pois, trata-se somente de refletir, de querer examinar bem à nossa volta. Não tereis de olhar senão para dentro de vós mesmos para encontrar as provas da reencarnação. Vedes a esta mesa um bom pai de família; tem várias crianças lindas, umas de inteligência notável, outras num estado quase abjeto. De onde vem, pois, esta diferença? Mesmo pai, mesma mãe, mesma educação e, não obstante, quantos contrastes!

“Atentai para a vossa lembrança; nela não encontrareis a intuição de fatos dos quais não tendes nenhum conhecimento e que, no entanto, se retratam para vós absolutamente como se tivessem existido? Não ficais chocados, vendo um ser pela primeira vez, porque vos parece havê-lo conhecido? Sim, não é mesmo? Pois bem! isto vos prova uma vida anterior, à qual pertencestes; isto prova que a criança inteligente deve ter percorrido várias existências e, por meio delas, se depurou, ao passo que a outra talvez esteja na primeira; que a pessoa que encontrais talvez vos tenha sido íntima, e que o fato de que vos lembrais vos foi pessoal em outra vida. Prova, finalmente, que para entrar no reino de Deus é preciso que sejais perfeitos. Vejamos! pensais que vos resta tão pouco a fazer, para crer que depois de vossa morte uns três ou quatro meses nas esferas vos bastarão⁴⁶? Não. Não acredito em tanta pretensão. Para adquirir é necessário trabalhar, e a fortuna moral não se lega como a fortuna material. Para vos depurardes, é preciso passar por vários corpos que com eles levam, em cada despojamento, uma parte das vossas impurezas.

“Se refletirdes, não podereis deixar de vos render à evidência”.

Delphine de Girardin

Revista Espírita - Dezembro de 1860 - Allan Kardec

⁴⁶Alusão à opinião de algumas pessoas a respeito da vida futura.

3



**É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!**

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA

“FRANCISCO CAIXETA”

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Livro dos Espíritos/Passes

Terça-feira às 19h15

Reunião fechada ao público
Reunião mediúnica

Quarta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Evangelização da infância e juventude

Quinta-feira às 19h15

Reunião fechada ao público
Reunião mediúnica

Sexta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Sábado às 18h

Grupo de Estudo das Obras de Kardec

Domingo às 18h

Reunião aberta ao público

Grupos de Estudos da Doutrina
Revista Espírita e Obras de André Luiz

•Salve o trabalho, viva o amor!•

Zequinha Ramos

Reencarnação: Uma Lei Natural – Parte I

Por Lindberg Garcia

“A amplitude da evolução humana é demasiadamente grande para caber nos estreitos limites que a ciência lhe demarcou, entre um berço e um túmulo, onde mal cabem um sorriso de esperança e uma lágrima de saudade” (J. Freire – Da Ama Humana)

Em duas edições do jornal **Folha Espírita Francisco Caixeta**, a de janeiro/fevereiro e a de março/abril, ambas do ano de 2020, sob os títulos, **O Fluir da Eternidade – Parte I e Parte II**, procuramos abordar a realidade das vidas sucessivas do Espírito em sua roagem na carne, sob a Lei Natural da vida, a Palingenesia, do grego, *palin* de novo e *gênesis* de geração, *gerar de novo*, ou simplesmente *reencarnação*. Assim, na Parte I, tratamos do aspecto histórico e bíblico da reencarnação. Na “Parte II”, abordamos as pesquisas científicas desenvolvidas ao redor do mundo, destinadas ao estudo das evidências reencarnatórias.

Eis que voltamos ao tema das vidas sucessivas, em **Reencarnação – Parte I**, não para fazermos proselitismo destinado a ganharmos adeptos à nossa crença religiosa, que tem na *reencarnação* um de seus princípios básicos. Não, a intenção da presente crônica, é tão somente a de raciocinarmos sob a luz da razão sobre tema tão essencial para se compreender o verdadeiro sentido da vida, desta e da outra, a de além-túmulo.

Para tanto, convido o leitor amigo, a analisar o instituto da reencarnação, utilizando-se tão somente o raciocínio lógico, para que se possa admitir, definitivamente, ou não, a *Lei Natural da Reencarnação*. Analisemos portanto, as alternativas da Humanidade com relação ao conceito do mundo espiritual, sob o ponto de vista das principais vertentes da corrente do pensamento filosófico, o **Niilismo**, o **Panteísmo**, o **Dogmatismo Religioso** e o **Espiritismo**, e vejamos a que conclusões chegaremos.

Preliminarmente, para uma análise séria e isenta, necessário se torna nos livrarmos de ideias preconcebidas, ou dogmáticas religiosas. Somente assim, conseguiremos levar a efeito uma perquirição fundamentada **na razão, com base no princípio das normas e valores que norteiam o comportamento do ser humano e suas interações sociais**.

Começemos por ponderar o **Niilismo**, do latim *nihil*, nada. Na definição de Pedro Mezzes, Professor de Filosofia, Mestre em Educação, “O Niilismo, é uma concepção filosófica,

baseada na ideia de não haver nada ou nenhuma certeza que possa servir como base do conhecimento, ou seja, nada existe de fato.” Esta é a base do Niilismo, ou seja, uma doutrina eminentemente materialista, “que estabelece ausência de toda a crença. A matéria passa a se constituir na única fonte do ser, e a morte o fim do ser, com a vida se encerrando no túmulo e nada mais” ensina o tribuno José Raul Teixeira, em sua palestra, *A Morte Não Existe*. “Essa doutrina tenta explicar a criatura humana em si própria, nada era antes de nascer e nada será depois de morrer. Sua existência na Terra não passa de um acaso biológico da fecundação do óvulo pelo espermatozoide”, explica o ilustre Tribuno, e prossegue em sua análise, “para o materialismo, a alma não passa de uma secreção cerebral, morto o cérebro, morta a alma. A alma pela filosofia materialista não tem existência própria, não é um ser inteligente, é uma reação orgânica, morto o organismo, morta a alma” (Idem, idem José Raul Teixeira). Percebe-se facilmente, de forma límpida e translúcida, que a tese materialista “não consegue explicar a lógica dos incontáveis problemas da vida e certo induzia as criaturas, como faz até hoje, à autodestruição, já que nada éramos antes e depois de morrer, nada seremos. Então para que suportar a dor, a frustração, a decepção? Por que a pessoa com doença incurável tem que procurar a medicina, pois se ela morrer, tudo acaba. Por que a pessoa tem que ir a um analista, a um psicólogo, se a morte resolve tudo. Dentre as propostas materialistas, morrer seria a grande solução”, conclui o eminente José Raul Teixeira, na palestra citada.

Uma outra consequência do materialismo, é a exacerbação dos sentidos, incentivando o gozo aos bens materiais, afirmando que quanto mais se usufruir deles, mais feliz será o indivíduo que assim proceder. Como se vê, a consequência do materialismo é a corrida em busca do dinheiro, da projeção social, do bem-estar material, do sexismo como fonte de prazer, trazendo como consequência, o desvio de caráter, a corrupção, e toda sorte de deformação do caráter, como coisa natural da vida, já que tudo se findará com a morte inexorável, o nada, o desaparecimento total na escuridão do vale do esquecimento de além-túmulo. Diante de tal pensamento, a razão nos diz que a lógica do materialismo é perversa e egoísta, pois atenta contra todo o processo civilizatório da Humanidade. Portanto, a razão nos intui a eliminar, de pronto, tal propositura,

observadas as consequências nefastas, que traria para o comportamento social humano. A matéria, como causa finalística, levaria um verdadeiro “laissez-faire”, onde os pilares de sustentação de uma sociedade civilizada, não se sustentariam e ruiriam sob o peso do egoísmo de cada um por si, e ponto final. Visto está, que o pensamento materialista não condiz com o princípio civilizatório humanístico, e a razão, de pronto, nos leva a não aceitá-la por insuficiência de lógica.

Passemos agora a examinar outra corrente do pensamento filosófico, o Panteísmo, do grego **Pan**, o todo, e **Theos, Deus**. De acordo com essa doutrina, a alma não existia antes de nascer, sendo extraída do *Todo Universal*, individualizando-se em cada ser durante a vida e volta à massa comum por efeito da morte, retornando ao *Todo Universal*. Seria como uma gota d’água caindo no oceano, desaparecendo na imensidão de suas águas.

As consequências morais da doutrina panteísta, são semelhantes às do materialismo, pois, voltar para o *Todo Universal*, significaria a perda da individualidade da alma e, *sem consciência de si mesma*, seria o aniquilamento do seu *eu psíquico*, ou seja, seria como se nunca tivesse existido. Como então, explicar a diversidade da conduta do ser e suas interações no meio em que vive? Aquele que se portou dentro dos princípios éticos e morais do comportamento humano, teria o mesmo destino daquele que praticou o mal? Em ambos os casos, pelo pensamento panteísta, a alma voltaria ao *Todo Universal*, sem consciência de si mesma, sem nenhuma identidade daquilo que fora durante a sua vida pretérita. O processo civilizatório da humanidade restaria inútil, pois não importariam os valores morais do indivíduo. A morte o igualaria a todos pelo mesmo destino. Pessoas de elevado padrão moral, como um São Francisco de Assis, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Chico Xavier, se igualariam a alma de déspotas como Nero, Calígula, Hitler, Pol Pot, pois todos perderiam a individualidade ao retornar à vala comum do *Todo Universal*. Até mesmo o próprio Cristo, também, seria como se nunca tivesse existido.

Diante de tal propositura, como interpretar a Justiça Divina, em que o indivíduo, que perpetrou os mais horrendos crimes tenha o mesmo fim daquele que se manteve dentro dos princípios ético e morais do processo civilizatório? A razão no-la diz, que o pensamento *panteísta*, tal qual o *materialista*, se mostram inó-

cuos, vazios, sem sentido, pois incapaz de responderem tais questionamentos, simples assim.

Examinemos agora, o Dogmatismo Religioso, **que prega ser a alma independente do corpo material, criada por ocasião do seu nascimento**, sobrevivendo após a morte e, diferentemente das teses, materialista e a panteísta, conserva sua individualidade após a passagem pelo túmulo, sofrendo ela as consequências dos seus atos, bons ou maus, quando de sua vida na matéria. Se pecador e injusto, estaria condenado eternamente às agruras do fogo do inferno. Contrariamente, se sua existência terrena fora a dos justos, irá para o paraíso gozar a presença de Deus. Esta é uma visão dogmática que deixa para a Humanidade uma série de situações deveras angustiante. Começamos pela afirmação da crença dogmática, de “*ser a alma criada por ocasião de seu nascimento*”, sofrendo ela as consequências dos seus atos, bons ou maus, quando de sua vida na matéria. Ora, se ela fosse criada por ocasião de seu nascimento, a alma não existiria antes de vir à luz. Significaria que ela não teria nenhuma experiência de vida anterior, pois fora criada na exata ocasião do seu nascimento. Se a alma criada imortal, *por ocasião do seu nascimento*, após a morte do corpo, qual o destino daquelas que não tiveram a oportunidade de praticar o bem e nem fizeram o mal? Para onde iriam elas? Para o céu, se nada fizeram por merecê-lo? Mas também não se lhes cabem o castigo do inferno, pois que não praticaram nenhum mal. E os indivíduos, homem ou mulher, que se situam numa escala intermediária, nem totalmente bons, nem totalmente maus? Ah, esses irão para o purgatório, donde eles poderão ir para o céu pelas orações daqueles que intercederem por eles, diz o *dogmatismo religioso*. Mas, imaginemos, o que não seria difícil, e se ninguém por ventura deles se esquecerem e não se lembrarem de orar por eles? Ficariam eternamente no purgatório? São questões insolúveis que o dogmatismo religioso não consegue responder. E os natimortos, as crianças em tenra idade, os bebês anencéfalos, para onde iriam suas almas, pois não tiveram a oportunidade de fazer o bem e tampouco praticaram o mal. Outro aspecto perturbador, sendo a alma, como quer o dogmatismo religioso, criada por ocasião do seu nascimento, ela seria plenamente virgem de conhecimentos, não possuiria, portanto, experiência de vida anterior, pois ela ainda não existia.

Assim, como explicar o caso de crianças prodígio e outras de inteligência limitada? As atingidas por síndromes, as de má formação física, as que nascem com comorbidades graves, por que isso acontece? Por que nascem crianças anencéfalas e outras dotadas de todas as potencialidades da inteligência humana? Outras ainda, que nascem com aleijões que lhes acompanharão a vida toda? E as que nascem portadoras de doenças, como cardiopatias, enfisemas pulmonares, e outras comorbidades graves, em contrapartida a outras que nascem plenamente saudáveis? E as que nascem cegas? E as crianças que nascem em mansões suntuosas e outras em moradias miseráveis, em pobreza extrema? E as que já em tenra idade, mostram pendor para o mal, ao passo que outras se revelam bondosas e cheias de virtudes? Pais que se regoizam com a formatura do filho em uma faculdade, em contrapartida a tantos outros que lamentam e choram pelo filho presidiário? Qual a razão de tamanha disparidade? *É a vontade de Deus*, dirão simplesmente os dogmáticos teístas.

Mas aí, realmente estaríamos diante de uma doutrina monstruosamente terrível, má em sua própria origem. Um Deus zeloso, facioso e inconsequente, a distribuir benesses e castigos indiscriminadamente? Seria isso possível? Não é um contrassenso à justiça, amor e caridade do Pai, que está nos céus? Ora, o pai sempre quer a felicidade de seus filhos, e tudo faz para o bem de sua prole, igualmente o Pai celestial, não haveria de querer o mesmo para os seus filhos? Não nos esqueçamos as palavras de Jesus; “Qual dentre vós é o homem que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se lhe pedir peixe, lhe entregará uma serpente? Assim, se vós, sendo maus, como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará o que é bom aos que lhós pedirem” (Mateus, 7, vv. 9, 10 e 11). São estas questões filosóficas que o dogmatismo religioso não tem como responder. Não admira que muitos adeptos dessa crença se autodeclarem *tementes* a Deus. Que coisa triste *temer* a Deus, em vez de *amá-lo*.

Recorramos agora à **Doutrina Espírita** e o véu entre os dois mundos se levantará. Não mais o maravilhoso e o fantástico, eis que as sombras da ignorância são iluminadas pela luz da candeia, finalmente colocada sobre o alqueire. A Terra recebe **em 18 de abril de 1857, a edição de O Livro dos Espíritos, organizado e codificado por Allan Kardec. Esse livro, pro-**

cedeu do Mundo Espiritual, ditado pelos Espíritos Instrutores, traz a solução para os problemas de ordem psicológica, moral e filosóficas do ser humano, aos quais nenhuma outra corrente do pensamento filosófico, como as que examinamos anteriormente, logrou responder satisfatoriamente. O Codificador de O Livro dos Espíritos, não após o seu nome, Hippolite Léon Denizard Rivail, mas o de Allan Kardec, nome de origem druída que teria tido em uma encarnação anterior. No preâmbulo do livro, O Que é o Espiritismo, Allan Kardec, assim explica, “O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.” E conclui, “Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (grifo nosso).

A Doutrina Espírita, veio assim trazer luz às inquietações do ser perante a vida; *de onde eu vim, onde estou e para onde vou?* Nos esclarece que somos filhos de um único Pai, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, que o Espírito é independente da matéria, criado simples e ignorante e sujeito a lei do progresso. Aqueles que praticam as leis divinas, evoluem mais celeremente, outros que delas se afastam, ou as descuram, têm a oportunidade de resgatarem seus erros em um novo corpo na matéria, pela ação da Lei Natural da vida, a Reencarnação. Que o progresso é indefinido e depende exclusivamente da ação do Espírito quando de sua vida na carne, não só pertinente ao seu aperfeiçoamento, mas também tem responsabilidade para com seu semelhante, enquanto está a caminho com ele.

O *Livro dos Espíritos*, apresentado sob a forma de perguntas e respostas, aborda os problemas do Espírito, sob a ótica da Doutrina Espírita, “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir incessantemente, tal é a lei”, aforismo insculpido no dolmem de Allan Kardec no histórico Cemitério de *Père-Lachaise*, em Paris.

A reencarnação, é, pois, uma Lei Natural, em que a *mente psíquica* do *eu eviterno*, renasce em um novo corpo, onde a Justiça divina lhe oferece a oportunidade de redenção e aprendizado, segundo o piso moral em que se situe. Na eternidade do

do tempo, vamos escrevendo nossas experiências, capítulo a capítulo, feliz ou infeliz, nas páginas do livro de nossas vidas. Nossas ações, são as tintas de nossa pena, que nos obriga a reescrevermos nossa história, sempre que nos embarçarmos nas linhas tortas da vida.

Os problemas do ser, do destino e da dor, está pois, inexoravelmente ligado às ações pretéritas do Espírito, quando de sua experiência na rotagem da matéria. Sua vida futura se condiciona à vida presente, é no hoje que ele semeará para colher no amanhã. A sementeira é livre, mas a colheita é inexoravelmente obrigatória. A Lei Natural da Reencarnação, é eterna e imutável como o próprio Criador, e segue seu curso, perenemente justa.

Esta é a grande verdade da vida do Espírito, nascido simples e ignorante, segue sem detença sua caminhada evolutiva. Na repetição das vidas sucessivas, tem a faculdade de resgatar débitos de sua vida pregressa, e reciclar-se naquilo que não logrou aprender. O filho pródigo volta assim ao lar paterno. Após sua viagem através dos tempos, cumpre os desígnios do Pai celestial, aprendendo a *amá-Lo*, e não a *temê-Lo*. Como é um processo que atinge a todos, indistintamente, a *reencarnação* é o grande vetor de evolução do processo civilizatório da humanidade. Ela cumpre peremptoriamente os desígnios do Pai celestial, a que todos os seus filhos se tornem cocriadores na obra divina, pois tudo se encadeia na natureza (Vide Questão 540 de *O Livro dos Espíritos*).

Portanto, conforme nossa análise, tendo por base os ensinamentos dos Espíritos superiores, organizados e codificados por Allan Kardec, podemos concluir, com segurança, que as correntes do pensamento *niilista*, *materialista*, *panteísta* e *dogmático religioso*, não atendem às inquietações do ser, do destino e da dor. Todavia, como nos alerta Allan Kardec, em sua introdução de *O Livro dos Espíritos*, “o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo que se abre diante de nós.”

Portanto, continuemos, não só a estudá-lo, mas também é imprescindível praticá-lo. Na Parte II, da presente crônica, esperamos voltar ao tema da Lei Natural da Reencarnação, tão importante, não só para nós Espíritas, mas a todos os irmãos que se dediquem a estudá-lo.

Graças a Deus!

O DIA DOS MORTOS

Médium – Srta. Huet

Nota – Na sessão da Sociedade, de 2 de novembro, Charles Nodier, solicitado a continuar o trabalho que havia começado, responde:

“Meus caros amigos, permiti que nesta noite vos fale de um outro assunto. Na próxima vez continuarei o trabalho começado.

“Hoje é uma data que nos é pessoalmente tão consagrada que chamamos vossa atenção sobre a morte e as preces reclamadas pela maioria dos que vos antecederam. Esta semana é um período de confraternização entre o Céu e a Terra, entre os vivos e os mortos. Deveis ocupar-vos de nós mais particularmente, e de vós também; porque, meditando sobre este pensamento de que em breve, para vós, como para nós, os vivos entoarão preces por vossa alma, deveis tornar-vos melhores. Conforme a maneira pela qual tiverdes vivido aqui embaixo, sereis recebidos perante Deus. O que é a vida, afinal de contas? Uma curtíssima migração do Espírito na Terra; tempo, entretanto, em que pode acumular um tesouro de graças ou se preparar para cruéis tormentos. Pensai nisso, pensai no Céu, e a vida, seja qual for a que levais, vos parecerá bem amena.

Charles Nodier

A respeito de sua comunicação, foram feitas ao Espírito as seguintes perguntas:

1º Hoje os Espíritos são mais numerosos nos cemitérios que normalmente? Resp. – Nesta época ficamos mais à vontade junto aos nossos despojos terrenos, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2ª Os Espíritos que, nesses dias, vêm aos seus túmulos, junto aos quais ninguém ora, sofrem por se verem desamparados, enquanto outros têm parentes e amigos que lhes trazem uma prova de lembrança? Resp. – Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! essas preces alcançam o Espírito esquecido e são, para ele, o maná celeste, que tanto caía para o preguiçoso como para o homem ativo. A prece é para o conhecido, como para o desconhecido. Deus a reparte igualmente, e os Espíritos bons que delas não mais necessitam as devolvem àqueles a quem podem ser necessárias.

3º Sabemos que a fórmula das preces é indiferente; no entanto, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar as idéias. Nós vos seríamos gratos se ditásseis uma a propósito. Todos nos associaremos pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que dela possam necessitar. Resp. – Também o quero. “Deus, criador do Universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai suas provas terrenas, se estiverem acima de suas forças; compadecei-vos dos sofrimentos dos que deixaram a Terra e lhes inspirai o desejo de progredirem para o bem”.

4º Certamente aqui há vários Espíritos aos quais podemos ser úteis. Vamos pedir que se dêem a conhecer. Resp. – Que pedido fazeis! Ireis ser assaltados.

5º De modo algum nos apavoramos com isso. Se não pudermos ouvir a todos, o que dissermos para um servirá para os outros. Resp. – Pois bem! fazei o que vos ditar o coração. (...)



GRATIDÃO

Por Carlos Humberto Martins

“A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos”¹.

Vamos tentar refletir sobre a gratidão, mas para falar de gratidão temos que rever os problemas da ingratidão.

O texto supracitado diz que “a ingratidão é um dos frutos diretos do egoísmo”. Então precisamos buscar dentro de nós sentimentos para trabalhar essa chaga que prejudica a Humanidade.

Esse trabalho é individual, e necessário para cada um. Os sentimentos egoísticos, que estão encharcando o Espírito e que somos contaminados e crescidos pela matéria que acaba nos envolvendo nessa onda materialista em que vivemos, inibem o progresso.

Para iniciar um processo de transformação, vamos buscar naquela orientação de Santo Agostinho, que nos ensina, quando a noite, ao deitarmos, que possamos fazer uma avaliação de nossas atitudes durante o dia. Assim, nessa avaliação devemos buscar atitudes de agradecimento.

“Todas as noites, ao elevarmos a Deus a nossa alma, devemos recordar em nosso íntimo os favores que Ele nos fez durante o dia e agradecer-lhos. Sobretudo no momento mesmo em que experimentamos o efeito da sua bondade e da sua proteção, é que nos cumpre, por um movimento espontâneo, testemunhar-lhe a nossa gratidão. Basta, para isso, que lhe dirijamos um pensamento, atribuindo-lhe o benefício, sem que faça mister interrompamos o nosso trabalho.”²

Então, ao associarmos as reflexões noturnas, as revisões de nossos atos durante o dia, também podemos e devemos elevar os nossos pensamentos à

Deus em um ato de agradecimento, pela proteção dispensada sobre nós naquele dia; as benesses que usufruímos, as conquistas materiais referente ao nosso pão de cada dia.

Precisamos voltar a valorizar o dia que se inicia, ao abrir a janela, contemplar a natureza, o céu azul ou cinzento de chuva, não importa.

Valorizar uma planta, um animal, perceber que ali se encontra uma criação de Deus. Isso tudo é motivo de gratidão.

Agradeçamos a Deus os pais, mães, irmão e parentes que possuímos.

Agradeçamos a Deus o trabalho, os companheiros de jornada, principalmente, os companheiros de trabalho que são difíceis, pois eles são nossos professores.

Agradeçamos a Deus os companheiros de trabalho, amigos e afáveis pois são nossos sustentáculos no trabalho.

Agradeçamos a Deus o lar que temos, a casa onde residimos, sabemos que são empréstimos de Deus.

Agradeçamos a Deus quando nasce um filho ou filha, não importa.

Agradeçamos a Deus quando desencarna um amigo, um familiar, um pai, uma mãe ou um filho, porque tivemos a oportunidade de conviver com eles; cumpriram suas existências e estão retornando à pátria espiritual.

Agradeçamos a Deus a noite que cai, pois são infinitas estrelas para que possamos contemplá-las.

Agradeçamos a Deus às pequenas situações. “Não se deve considerar como sucessos ditosos apenas o que seja de grande importância. Muitas vezes coisas aparentemente insignificantes são as que mais influem em nosso destino. O homem facilmente esquece o bem, para, de preferência, lembrar-se do

que o aflige. Se registrássemos, dia a dia, os benefícios de que somos objeto, sem os havermos pedido, ficaríamos com frequência, espantados de termos recebido tantos e tantos que se nos varreram da memória, e nos sentiríamos humilhados com a nossa ingratidão.”³

Agradeçamos a Deus a oportunidade de estarmos nessa encarnação vivenciando experiências no Movimento Espírita, ou seja, de sermos Espíritas.

Que possamos buscar cada vez mais sermos gratos a todos e, principalmente, a Deus.

Prece de Agradecimento

“Senhor, nós queremos agradecer-te comovidos, as bênçãos tantas que nos dá sem par.

É para nossa alma nessa rude lida, a rimo certo sem jamais falhar.

São do infinito gotas benfazejas, que tornam mais amena a caminhada.

São flores trescalantes que desejam, adornam sempre a tortuosa escada.

Conserva, pois, o nosso olhar erguido, para ver além das nuvens Teu olhar.

Apura-nos senhor o nosso fraco ouvido, para a doce voz sempre escutar.

É com Teu amor imenso, que havemos de galgar o píncaro afinal.

Aceita pois o nosso humilde incenso, férvida prece em louvor leal.

Assim seja!”

Autor desconhecido.

Proferida pela Vovó Dagmar (esposa do Sr. Zequinha Ramos, fundador do Centro Espírita Francisco Caixeta).

¹ KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo* – Cap.XIV –item 9. FEB.

² _____ Cap.XXVIII – item 28. FEB.

³ _____ Cap. XVIII – item 28. FEB.

Banca do Livro Espírita “Chico Xavier”

Segunda à sexta - 9h às 18h

Sábados - 10h às 12h

Av. Antônio Carlos s/n.

Araxá/MG